

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 182	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO Linha, Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$80	1\$90	\$130	\$120	11 DE JANEIRO 1884	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$00	2\$00	—	—		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$00	2\$50	—	—		



A ACTRIZ VIRGINIA (Segundo uma photographia de Solas)

CHRONICA OCCIDENTAL

Houve um tempo em Portugal, tempo que não vae longe e de que ainda temos bastantes vestígios, em que a iniciativa particular perfeitamente adormecida deixava completamente ao estado a tarefa de fazer tudo.

Ora o estado fazia quasi que o contrario d'isto, e d'ahi o profundo atroz das artes e das industrias, o deploravel enervamento, o aniquilamento completo das forças vitaes do nosso paiz.

Um dia porém, um dia proximo, a iniciativa particular accordou d'esse torpor, libertou-se da tutela official, começou a viver, a operar livremente, sem esperar pelo auxilio do Estado, e um dos primeiros actos d'essa sua vida nova, propria, foi uma manifestação imponente das suas enormes forças de ha tanto adormecidas, foi esse acontecimento extraordinario, sem precedentes no nosso paiz, essa festa maravilhosa e gigante da consagração do tri-centenario de Camões.

D'ahi por diante, a iniciativa particular encheu-se justamente de confiança em si, e toda a gente começou tambem a confiar n'ella, a comprehender que se podia fazer alguma cousa, que se podia fazer muito, que se podia fazer tudo, sem a intervenção da iniciativa official.

E a consciencia d'essa enorme força, tem dado d'então para cá os seus proveitosos resultados, tem produzido essas exposições particulares que de dia para dia crescem e progredem, essas brilhantes manifestações da vida artistica, industrial, agricola, d'um povo que ha annos ainda dava a todas as nações civilisadas o direito de o julgar quasi morto.

Coimbra inaugurou ha dias com grande successo, a sua exposição districtal, a revista solemne das suas forças industriaes e agricolas. No anno passado foi Aveiro que fez assim sabatina publica de todos os seus trabalhos e progressos.

Lisboa prepara-se para d'aqui a mezes fazer exposição dos seus productos agricolas.

No Porto, uma forte e bem dirigida associação em que se agruparam todas as boas vontades e todas as illustrações, a Sociedade de instrucção, tem realisado successivamente, em curto espaço de tempo, uma serie de exposições notaveis e de incontestada e incontestavel utilidade publica. A exposição annual de pintura feita em Lisboa por esse grupo de rapazes cheios de talento, de vontade e de tenacidade, conhecido já pelo nome de *Grupo do Leão*, está ahi a provar pelos seus resultados practicos, quanto vale e quanto pôde a iniciativa particular.

O movimento artistico no nosso paiz definhava-se, morria. Ha muitos annos já que a sociedade promotora das Bellas Artes, uma sociedade que tinha o seu que de official não realisava exposição alguma.

Um grupo de pintores novos, tendo á sua frente um artista notabilissimo, o sr. Silva Porto, atirou para longe a tutela, não esteve para esperar mais tempo pela iniciativa official, e lançou-se corajosamente, ousadamente, ao trabalho.

E com grande espanto da maior parte de gente que na phrase conceituosa d'um artista notavel, está até á espera que o Estado lhe mande concertar as botas, esse grupo de rapazes realisou ha tres annos a sua primeira exposição.

E agradou essa exposição, foi concorrida, foi fallada, e alguns dos quadros n'ella apresentados acharam rapidamente compradores.

No anno immediato, o mesmo grupo realisou segunda exposição.

O exito foi muito superior ao da primeira.

Este anno terceira exposição com exito muito superior ao das duas anteriores, com um verdadeiro successo, tornando-se mesmo um acontecimento de Lisboa.

As salas da exposição, estão sempre cheias de visitantes, e os quadros, que denotam todos elles grandes progressos sobre os trabalhos anteriores, tem-se vendido com uma rapidez e n'uma quantidade, que não são vulgares em Lisboa.

Na nossa ultima chronica promettemos fallar hoje mais minuciosamente d'essa exposição.

Não cumprimos a promessa porque o Occidente vae occupar-se em artigos especiaes d'essa exposição. Por isso, por nos escacear o tempo e por nos sobrares os desgostos não fizemos até hoje senão uma rapida visita de passagem á exposição.

N'esse relancear d'olhos impozeram-se logo á nossa attenção o magnifico quadro dos bois, de Silva Porto; um claustro, de Vaz; uma esplendida aguarella, de José de Figueiredo; os trabalhos de Columbano em que ha afirmações brilhantes de um talento notavel, os quadrinhos de Christino, pinturas de Malhã, trabalhos de genero de Gyrão e outros que não podemos enumerar, porque nem visitámos a exposição, apenas por ella pas-

sámos, nem nos propozemos a fallar d'ella, porque d'isso tratará detidamente o Occidente nos numeros proximos.

Partiram no dia 6 para Africa, onde vão continuar as suas explorações geographicas e scientificas, os illustres exploradores portugueses Capello e Ivens.

A despedida d'estes nossos compatriotas, a quem Portugal deve já tanto reconhecimento, foi entusiastica. O ministro da marinha, sociedade de geographia, a imprensa de Lisboa, foram a bordo dizer — até á vista! — aos corajosos exploradores, que vão arriscar a sua vida no serviço da sciencia e da patria.

Em boa hora tenham partido Capello e Ivens e que o mais brilhante successo seja o coração do seu arrojado empreendimento.

Morreu no dia tres do corrente, depois de uma longa doença, o distincto homem de letras, o sr. Silva Tullio, antigo jornalista e ultimamente conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Silva Tullio pertenceu ao grande grupo litterario de Castilho, era um jornalista distincto e modesto, redigiu por muito tempo o *Archivo Pittoresco*, a *Semana*, e outros jornaes d'esse tempo, e trabalhou muito n'uma historia do jornalismo, que nunca chegou a publicar.

Silva Tullio era além de tudo um homem honradissimo, um perfeito cavalheiro, extremamente delicado e bondoso, distrabido como poucos, mas obsequioso e affavel como rarissimos.

A sua opiniao critica em assumptos litterarios e bibliographicos era muito respeitada, e com justiça, porque Silva Tullio era não só um erudito como tambem uma intelligencia clara, um espirito culto e illuminado por um bello criterio.

Vivemos pouco com elle ultimamente, mas nos nossos tempos de estudante, tivemos com Silva Tullio, como director da Bibliotheca publica, muitas relações, que foram sempre das mais cordaes, e que nos deixaram d'elle uma boa recordação grata, que nos faz hoje sentir bem a sua morte.

Silva Tullio era socio effectivo da Academia Real das Sciencias, vogal da Junta Consultiva de Instrucção Publica, e era muito estimado e conceituado por todos que o conheciam.

As letras portuguezas perderam quasi pelo mesmo tempo outro cultor assiduo e trabalhador, que lhes deixa um livro, que sem ser um monumento, é apesar de seus defeitos, da sua parcialidade, e das suas lacunas um livro de grande utilidade. Fallamos, sabem já, do sr. Pinho Leal e do seu *Diccionario geographico de Portugal*.

O sr. Pinho Leal que era um miguelista intrasigente, e que como escriptor teve o grande defeito de não possuir a serenidade bastante para afastar da sua obra litteraria os seus rancores politicos, falleceu n'uma quinta ao pé do Porto.

O que não se lhe pôde negar porém, é que era um trabalhador infatigavel, um investigador tenaz e que a sua obra foi um bom serviço prestado ao paiz.

Paz á sua memoria. O *Diccionario* do sr. Pinho Leal, que é editado pela casa editora de Mattos Moreira & Cardosos está quasi concluido.

E fallando n'este dictionario daremos aos leitores a noticia de que a sociedade dos srs. Mattos Moreira & Tavares Cardoso se desfez amigavelmente, ficando o sr. Mattos Moreira com o estabelecimento de papelaria e bijouterias na mesma loja onde dantes era a livraria, e ficando o sr. Tavares Cardoso com a livraria, no outro angulo do mesmo predio, com porta para o largo de Camões.

E dando esta noticia completal-a hemos rectificando que ambos os estabelecimentos, cujos donos são tao estimados e acreditados em Portugal e no Brazil, estão excellentemente montados e são dos primeiros de Lisboa.

Falta-nos fallar dos theatros. Tivemos em S. Carlos a estreia da prima-dona o sr. Ritter no *Hamlet*, e o sr. Gayarre cantando a *Propheta* e o *Baile de Mascaras*; e no Gymnasio, Rossi representando o *Luiz XI*, e o *Rei Lear*.

Não podemos preencher essa falta, infelizmente porque emquanto essas novidades se davam nos theatros de Lisboa, choravamos nós saudades eternas junto do cadaver d'uma irmã unica e querida, com quem morreram todas as recordações da nossa mocidade extincta.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ACTRIZ VIRGINIA

Publicando hoje o retrato da illustre actriz que na *Fedora* de Sardou está obtendo no theatro de D. Maria um successo enorme, o *Occidente* presta uma homenagem ao talento e ao trabalho persistente e triumphante, e cumpre ao mesmo tempo á risca o seu programma — acompanhar todos os factos importantes da nossa vida artistica e social, dar os retratos de todos aquellos que se tornam salientes em qualquer das espheras brilhantes da actividade humana.

Por isso não tratamos hoje de fazer aqui, para acompanhar esse retrato, uma biographia pessoal de Virginia Dias da Silva, trataremos apenas de esboçar rapidamente a historia da sua vida artistica, dos seus progressos rapidos, a noticia dos principaes triumphos que marcam esses progressos desde o seu *debut* na Flôr de Maria dos *Mysterios de Paris*, até á princeza Fedora da peça de Sardou.

Virginia é mais uma das nossas glorias artisticas contemporaneas que tiveram o seu berço no velho theatro das Variedades, hoje sepultado nos alicerces da *Avenida da Liberdade*.

A Flôr de Maria dos *Mysterios de Paris*, representada por aquella rapariguinha que então balbuciava no palco as primeiras notas da sua voz encantadora, a voz mais bem timbrada que ha actualmente no theatro portuguez, foi a revelação d'uma bella aptidão theatral.

Mas a verdadeira manifestação do talento, que hoje resplandece no theatro de D. Maria, foi no Principe Real, nos tempos aureos de Santos o grande mestre, a creação do delicioso papel de Antoinette nos *Vieux Garçons* de Sardou.

O successo d'essa formosa comedia de Sardou traduzida esplendidamente por Latino Coelho com o titulo de *Solteirões* foi enorme então.

E n'esse successo, ao lado de Santos, magnifico no papel de Mortimer, e de Antonio Pedro, que teve no Vaucoutroix uma das mais notaveis creações da sua excepcional veia comica, brilhava a actriz nova, a Virginia, desconhecida ainda hontem, e que era encantadora de ingenuidade no papel de Antoinette.

A scena do terceiro acto, sobretudo, aquella scena entre ella e Santos, quando a seducção do roué Mortimer cahia aniquilada perante a candura innocente da donzella, que ouvia sem comprehender, com os seus grandes olhos admirados e tranquilos as palavras ardentes do cynico galanteador, foi representada tão magistralmente pelos dois artistas, que ainda hoje, passados um bom numero d'annos, nos lembramos tanto d'ella como se a estivessemos ouvindo.

Virginia impôz-se então pela primeira vez á attenção do publico, que começou a vêr n'ella uma verdadeira actriz, a ter confiança n'aquelle talento juvenil, gracioso e promettedor. Virginia não abusou d'essa confiança.

Passando pouco depois para o theatro de D. Maria continuou a justificar todas as esperanças, a merecer todas as sympathias, a provocar em cada nova creação os applausos do publico. Não é facil enumerar de memoria todos as *ingenias* a que ella deu o encanto da sua gentileza, a graça adoravel do seu juvenil talento.

Entre ellas occurrem-nos algumas das mais notaveis e que difficilmente poderião esquecer — a noiva da *Gravata Branca*, a Mimi, da *Die de Boheme*, do pobre Murger, a Fernanda, da peça de Sardou, a enfiada rapariguinha da *Oração da Tarde*, a poetica figura da filha do duque d'Alba da *Patria*, e uma immensidade d'outras.

Quando se formou a sociedade artistica, hoje empresaria d'aquelle theatro, Virginia entrou para societaria, e logo na peça da inauguração d'essa nova empresa, teve um dos mais bellos e surprehendedentes triumphos da sua gloriosa carreira artistica. A maneira porque a já illustre actriz desempenhou o papel da duquesa de Septmonds da *Estrangeira* de Dumas, que foi a peça d'abertura, um papel fóra do genero em que o publico estava habituado a applaudir-a, surprehendeu a todos e valeu-lhe uma enorme ovação.

Mais tarde n'um formosissimo papel ligeiro da esplendida comedia de Fernando Caldeira, a *Mantilha de renda*, Virginia foi adoravel de graça e de talento.

No *João Baudry* o papel de ingenua deu-lhe occasiao para mais uma revelação d'esse talento, que na *Lionette* da *Princeza de Bagdad* tomou uma nova phase, não menos brilhante, dando á peça de Dumas um successo enorme, que não te-

ria se não tivesse a represental-a uma actriz como Virginia.

O desempenho d'esse papel, *un grand role* dramatico, accentuou a transformação de genero, começado a manifestar-se notavelmente na *Estrangeira*; a *Fedora* agora foi a completa consagração de Virginia no grande genero dramatico. Distincta e apreciavel durante os primeiros tres actos da peça que Sardou escreveu expressamente para a actriz mais extraordinaria do tempo moderno, para Sarah Bernhardt, no ultimo acto, no acto mais violento e dramatico, Virginia é notabilissima, fazendo d'esse papel, não só um dos mais notaveis do seu repertorio, como tambem uma das creações mais brilhantes da arte scenica portugueza.

A *Fedora* veiu collocar Virginia entre as primeiras artistas que tem havido no nosso paiz; o publico faz-lhe todas as noites as ovações-epotheoses que só os grandes artistas sabem merecer; e o OCCIDENTE publicando hoje o retrato da gloriosa actriz, registra o grande successo para a arte dramatica portugueza, que o desempenho da *Fedora* de Sardou por Virginia representa no nosso mundo theatral.

G. L.

PRAÇA DE RIACHUELO, NA BAHIA

Em 23 de novembro de 1874, a Associação Commercial da Bahia, levantou um monumento em commemoração da Batalha do Riachuelo, uma das maiores glorias das armas brazileiras.

Este monumento que está assente na prapa a que deu o nome, é de bronze e a nossa gravura mostra qual a sua fórma.

É n'esta praça, antigamente denominada do *Commercio*, fundada por D. Marcos de Noronha e Brito, Conde dos Arcos, em 17 de dezembro de 1814, que está o edificio da Associação Commercial da Bahia.

A mesma associação, quando concluiu o edificio, inaugurou na sua sala principal o retrato do seu fundador.

Com a inauguração d'este monumento quiz a Associação Commercial da Bahia, glorificar um dos factos mais importantes da guerra do imperio com o Paraguay, d'essa guerra que custou ao nascente imperio muitos sacrificios, mas que lhe permitiu o experimento do valor de seus filhos, proporcionando-lhe ensejo para actos de verdadeira heroicidade, como os praticados no celebre combate do Riachuelo.

A Associação Commercial da Bahia, concorrendo para erguer este monumento, mostrou que no meio das suas fadigas commerciaes, não esqueceu as glorias da sua patria.

Thomaz José de Sousa Soares Andréa

CAPITÃO DE MAR E GUERRA
COMMANDANTE DO COURAÇADO VASCO DA GAMA

De ha muito que a opinião publica, esse tribunal cujas sentenças raramente deixam de ser justas, aponta o official, cuja biographia esboçamos hoje, como um dos nossos mais illustres e completos homens do mar.

Pela sua coragem e sangue frio em face dos perigos que andam inherentes á vida que durante muitos annos tem seguido, pelo seu saber relativamente a tudo o que respeita os diversos ramos da arma a que se dedicou, por ser um bom navegador e fino manobrista, e finalmente por serem acompanhados aquelles dotes com muito bom senso, e extrema modestia e bondade, todos o estimam, e lhe concedem um dos primeiros lugares, entre os officiaes da nossa marinha militar.

No dia em que pela lei fatal da natureza elle deixar de existir, não faltará de certo quem ponha em relevo, em bem elaborados necrologios o seu elevado merecimento, pericia como marinheiro, e excellentes qualidades como homem. Dirigidos taes louvores a um cadaver, serão então tardios, e não indemnizam, o que em vida não viu, serem tomados na devida conta, os muitos e valiosos serviços que prestou ao paiz, no exercicio da sua profissão.

Thomaz Andréa, que foi estudante distincto, afirmou a sua valia como maritimo, desde os primeiros annos da sua vida de embarque. De uma intelligencia acima do vulgar, com perfeito conhe-

mento do que mandava e sem a minima hesitação no que era preciso fazer, ainda nas occasões mais criticas, os commandantes depositavam n'elle a maxima confiança, e os camaradas consultavam-n'o sobre as coisas do mar, e respeitavam, seguindo-a, a sua opinião.

Poderíamos citar bastantes factos que provam a sua pericia como official de marinha, se carecesse de prova o que é reconhecido por todos os que com elle tem navegado; narraremos apenas um caso que nos occorre, e de que fomos testemunha, no qual a salvação do navio e da guarnição, se deveu ao seu sangue frio e nenhuma hesitação, em face de um perigo eminente.

Ao anoitecer de um dia de inverno, com o tempo carregado e os barometros descendendo, achava-se proximo da embocadura do golfo de Yedo, nos mares do Japão, a corveta *D. João I*, commandada por Thomaz Andréa.

O navio de gaviás nos segundos, com a ancora a BB, mál se mexia com as fracas bafagens que de quando em quando lhe enfunavam o panno.

Tinham-se marcado havia pouco as ultimas ilhas que se viam pela próa a estibordo, que se não podia saber quaes fossem, por isso que o mappa se dispunha os roteiros, as não tinha indicadas por serem ainda pouco estudadas aquellas paragens.

Pelas 6 horas da tarde começou a soprar vento que dava bordada para se montarem as ditas ilhas, e immediatamente se tratou de o aproveitar para esse fim.

Tendo navegado até ás 11 horas da noite, suppoz-se pelo andamento do navio, ter passado as ilhas, e por isso áquella hora o commandante mandou andar ao rumo de ND, calculando que seguindo assim até ás 2 horas da noite e virando á essa hora, só deveria avistar a terra que fórma a embocadura do golfo de Yedo pelas 8 horas da manhã, por isso que os roteiros indicavam correntes a E.

Tendo effectivamente virado ás 2 horas, seguiu sem apprehensão alguma, de estar proximo de terra, quando pelas 4 horas a vigia que estava na verga do traquete gritou: terra na próa, muito perto...

Thomaz Andréa que estava debaixo do tombadilho, sae á tolda, olha para a próa, conhece, pelo clarão que a agua fazia batendo de encontro á rocha, que o negrume que se avistava era effectivamente a terra, e sem um momento de hesitação nem de duvidas, mette a virar em roda, por isso que com as gaveas nos segundos e o mar agitado como estava seria pouco provavel o exito da manobra, se mettesse a virar por diante, mandando com intimativa, mas sem que na voz se lhe conhecesse a minima commoção. A manobra foi executada pela marinhagem com a maior rapidez. Quando o navio acabou de virar via-se distinctamente a muito proxima distancia, a rocha alta, onde o mar batia floreado e prumou-se em 4 braças e meia.

Se o commandante hesitasse um minuto, se não calculasse rapidamente que tinha espaço para virar, das 200 e tantas praças que compunham a guarnição do navio, talvez nenhuma se salvasse, por isso repetimos, deve-se o não se ter perdido o navio e com elle toda a tripulação, ao seu sangue frio, e pericia como marinheiro.

Apezar de dotado de uma modestia pouco vulgar, e de viver afastado dos circulos, em que os homens que não estão em posições eminentes, se tornam conhecidos, é o de modo mais lisongeiro para elle, não só por quasi todos os que pertencem á marinha tanto de guerra como mercun-te, mas tambem por grande numero de pessoas extranhas a ellas, entre as quaes figuram os nossos primeiros homens em posição social.

Não é só em Portugal que o seu nome como official de mar é citado; no Brazil não é elle extranho a muitos, e bastantes officiaes das marinhas de guerra de algumas nações maritimas da Europa, o apreciam como habil marinheiro.

Não lhe sendo extranho um grande numero de conhecimentos que pouca ou nenhuma relação tem com a arma de marinha, é aos d'esta que principalmente tem applicado o seu bem dirigido estudo. Assim é que sobre quaesquer questões, cuja opinião lhe seja pedida, é esta ouvida com muito interesse, porque, dispondo de um juizo claro, as resolve do modo mais razoavel.

Sendo, porém, aquellas relativas á marinha, a respeito das quaes é usualmente onvido, poucas vezes succede que soffra discussão o seu parecer, e soffrendo-a que se não concorde a final com elle.

Quando a companhia Luso-Brazileira veio buscar á marinha militar os commandantes e segundos dos seus bellos vapores *D. Pedro* e *D. Maria*,

foi Andréa um dos escolhidos sendo ainda tenente e houve-se, como segundo e commandante d'elles, por fórma, que muito concorreu, para lhe firmar os creditos a todos os respeitos.

Quem não conhecer intimamente este official e o avaliar pela extrema reserva e apparente indifferentismo, suppol-o-ha um estoico; completo engano. Thomaz Andréa é o que se chama um homem de coração; calam-lhe no intimo os desgostos, e affectam-n'o mais profundamente do que aquelles, que por pouco reservados dão expansão á dôr. Quando o alcança, como já lhe tem succedido, algum d'esses golpes a que todos os que tem familia estão sujeitos, entristece. Uma lagrima é a suprema manifestação do seu pesar, só lh'a tem visto verter em occasões de profundissimo desgosto.

Como chefe de familia é exemplar. Estremece os filhos e ao cuidado e desvelo que emprega na instrucção d'elles, servindo-lhe ora de mestre, ora de explicador, devem elles em grande parte, o estarem ou já em posições sociaes definidas ou em via de as obterem.

Ao seu bondoso coração repugnam os castigos que necessariamente tem de ser infligidos ás guarnições dos navios do seu commando por faltas commettidas, é por isso muito benevolente com aquellas; tal é porém o prestigio de que goza a bordo, que apesar d'essa benevolencia, alcança o mesmo fim, que outros só obtem com o rigor, e que nos navios por elle commandados rarissimos são os casos de indisciplina.

Dotado de uma compleição fortissima e propria para arrostar com a dureza da vida que abraçou, nunca deixou por doente de cumprir as obrigações do seu cargo, até que, ha proximamente cinco annos, o alcançou uma doença terrivel pelo soffrimento, e pelas consequencias que teve.

Restabeleceu-se completamente, mas depois de mezes de soffrimento e incommodo, e de ter perdido a vista de um dos olhos.

Todos os que o conheciam sentiram aquella fatalidade. A paciencia com que soffreu as dôres, e a resignação com que se submetteu á infelicidade de uma perda que tão sensivel lhe era para a sua profissão, são admiraveis.

Desde 1876 que commanda o couraçado Vasco da Gama, commando que assumiu sendo ainda capitão de fragata. Logo em seguida a pesar sobre elle a grave responsabilidade de dirigir aquella importante e, para nós, nova maquina de guerra, applicou se a estudar-lhe quando fundeado todos os seus detalhes, e navegando, as qualidades nauticas e o melhor modo de lh'as aproveitar, para o fim principal a que era destinado.

Deste estudo resultou, como era de esperar, que hoje conhece perfeitamente aquelle vaso de guerra, e que tendo de o commandar em acção de combate, ou isolado ou junto com outros, quer nós parecer que o inimigo não alcançaria vantagem alguma, proporcionada pelo mal dirigido d'elle.

Thomaz Andréa que hoje conta 59 annos de idade, pois que nasceu em 1824, é o mais novo dos capitães de mar e guerra. Conta 40 annos de serviço no mar, e d'estes a maior parte fóra dos portos do continente.

Dos respectivos livros consta o seguinte relativamente á sua vida official:

Assentou praça de aspirante a guarda marinha em outubro de 1839; foi promovido a guarda marinha graduado, em dezembro de 1842; effectivo em dezembro de 1844; 2.º tenente em maio de 1847; 1.º tenente, em julho de 1859; capitão tenente em março de 1869; capitão de fragata em fevereiro de 1874; capitão de mar e guerra em outubro de 1879.

Foi premiado na cadeira de navegação, tem commandado os seguintes navios:

Barca *Martinho de Mello*, transporte *India*, corvetas *Damão*, *D. João I*.º e *Bartholomeu Dias*, e couraçado *Vasco da Gama*.

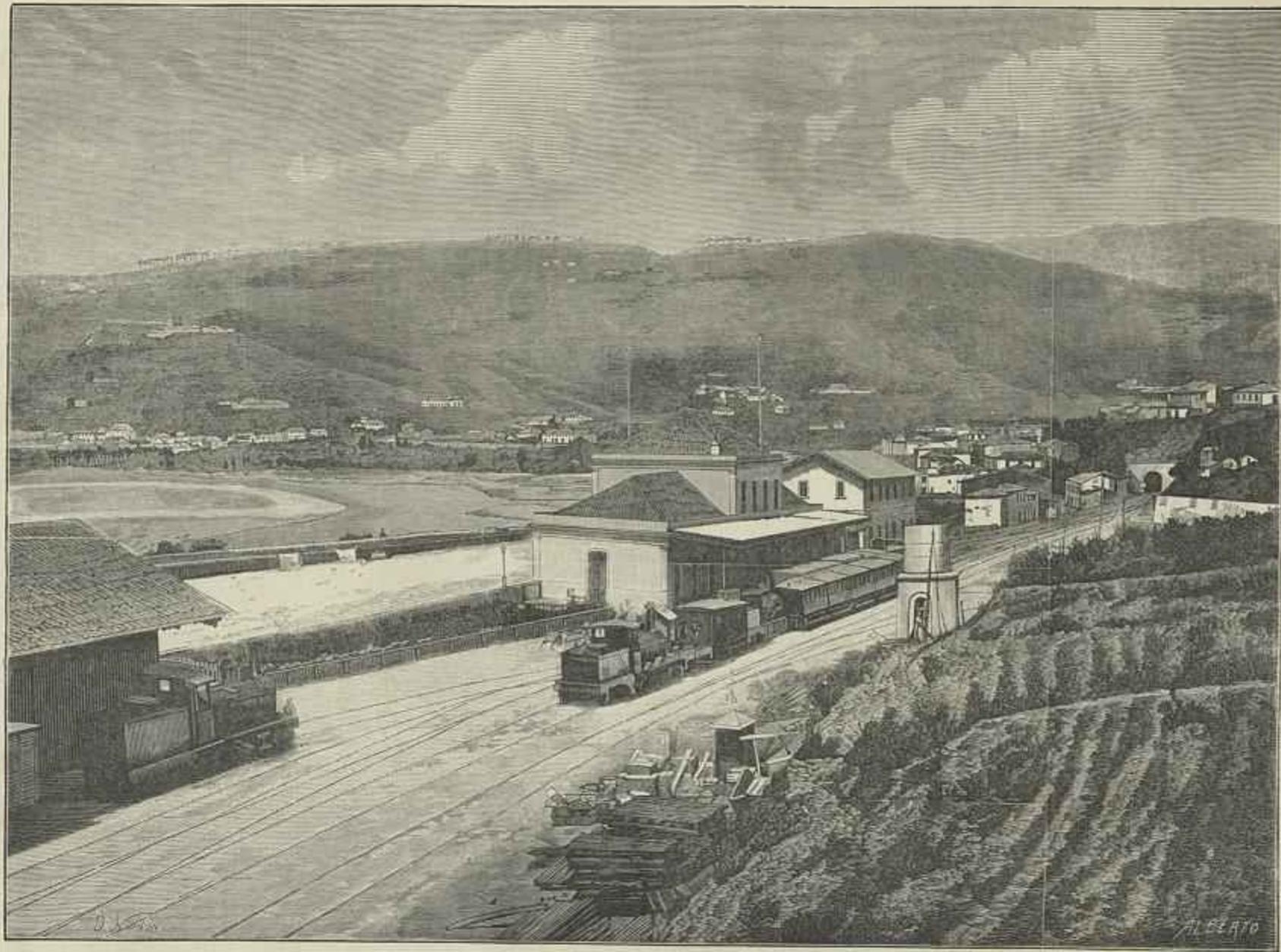
Embarcou de guarnição nos seguintes navios:

Fragata *D. Maria II*, corveta *Urania*, escuna *Conselho*, charrua *Principe Real*, corveta *Iris*, nau *Vasco da Gama*, brigue *Vouga*, fragata *D. Fernando*, corveta *Porto*, corveta *D. João I*.

Tem feito parte, ou como presidente ou como vogal, de quasi todas as commissões que tem sido nomeadas pelo ministerio da marinha, para dar parecer sobre cousas relativas á marinha.

Sua magestade, tem este official em alto conceito, e mostra por elle uma predilecção para a qual Andréa não concorreu, pois que só obedeendo aos deveres do seu cargo, elle vai ao paço, ou a outro algum lugar, onde a sua apreciada individualidade, se ponha em evidencia.

J. C. Adrião.



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — ESTAÇÃO E TUNNEL DA REGOA, NO CAMIHO DE FERRO DO DOURO (Segundo uma photographia de Biel)

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

(Continuado do n.º 179)

O forasteiro que sahindo do Porto tencione percorrer a linha do Douro em jornada de mera curiosidade, deve, para melhor gozo dos bellos panoramas que essa via offerece, tomar sempre logar do lado direito da caruagem, por ser d'essa parte que se abrangem os mais pittorescos pontos de vista.

D'este modo chegando á estação de Ermezinde, onde a via ferrea do Douro se bifurca com a do Minho, prepara-se o viajante para a observação das regiões que vae percorrer.

A linha interna-se pelo valle do Leça, por entre pinhaes e prados verdadeiros, destacando-se pelo meio d'elles grupos alegres de casas, na sua alvura de neve. A igreja de Alfena defronta com a serra, coroada no seu cume alcantilado pela pequena ermida de S. Miguel e em breve o comboyo deixa essas alegres paizagens para penetrar n'uma serie de elevadas trincheiras cortadas em grandes massas de schisto, de tons sombrios.

A principal d'essas trincheiras é a de Cabeda, na extensão de 1:200 metros e dentro em pouco, em uma profunda quebrada apparece o viaducto de Cabeda, uma das bellas obras de arte da linha.

O viaducto, construido de excellente granito, tem 127 metros de extensão, e é formado por sete arcos de 15 metros de abertura cada um. A altura maxima ao nivel dos rails é de 29,50. As fundações fizeram-se a 5 metros de profundidade, empregando-se em toda a obra 8:800 metros de alvenaria, dos quaes 3:600 em ali-



THOMAZ JOSÉ DE SOUSA SOARES ANDRÉA (Segundo uma photographia)

cerces e 5:200 em elevação. O custo d'esta importante obra de arte elevou-se a 79 077\$561 réis.

A via interna-se depois pela serra, e um ribeiro que se encontra adiante é atravessado pela ponte de Cabeda, tambem de pedra, de um só arco de 10 metros de abertura, sendo a altura maxima de 8,50. A profundidade das fundações é de 1 metro, tendo-se empregado 110 metros de alvenaria nas fundações e 450 em elevação, o que prefaz o total de 560 metros. Despenderam-se n'esta ponte 4:658\$710.

Ao sahir da trincheira de Cabeda, a vista espraia-se pelo valle de Ferreira, cujo aspecto gracioso mais se anima com a presença da villa de Vallongo, assente no sopé da serra.

A povoação avoluma-se no seu conjunto de edificações, sobresahindo de entre ellas as torres da igreja parochial, e nos campos que a circundam erguem-se de vez em vez as esguias chaminés das officinas que preparam a ardósia que se extrahê das abundantes pedreiras por alli disseminadas.

D'essas officinas, as mais importantes são as da companhia ingleza *The Vallongo Slate and marble quarries company*.

Na serra encontram-se tambem vestigios de antigas explorações mineralogicas, sendo tradição que os romanos extrahiram prata d'esses jazigos metaliferos.

A villa de Vallongo, importante já pela sua população, notabilisa-se ainda pelo fabrico de um pão de trigo especial que todos os dias é levado em grandes cargas para o consumo da cidade do Porto.

A estação de Vallongo é de 3.ª classe.

Ao deixal-a, a linha desce para o



BRAZIL — PRAÇA DO REACHUELO, NA BAHIA (Segundo uma photographia)

valle por entre trincheiras de schisto, serpentando ao lado do rio Ferreira, no qual existe a ponte do mesmo titulo, celebre pelo combate que se deu nas suas immediações em 22 de julho de 1832, e conhecido nas chronicas das luctas da successão pela denominação de batalha de Ponte Ferreira.

O caminho de ferro galga esse mesmo rio por meio de uma ponte metalica de 84^m,54 de extensão, com um tramo de 29^m,84, sendo a sua altura maxima ao nivel dos rails de 19^m,40. O volume das alvenarias empregadas n'esta obra elevou se a 3:020,00 metros, sendo 7400,00 em fundações, e 2:280,00 em elevação. A parte metalica foi fornecida pela fabrica de Fives-Lilles, importando a ponte em 35:037,504 réis.

A ponte de Ferreira está situada em uma curva de 400 metros de raio, servindo a duas avenidas de 28^m,40 de extensão cada uma.

Ao sahir da ponte, a linha dilata-se por uma região montanhosa, attingida na portella de Terroinhos por uma grande trincheira, para a abertura da qual foi necessario extrahir uns 50:000 metros cubicos de terras, na maior parte schisto duro.

Transposta a trincheira descobre-se o valle do Sousa, chegando-se em breve á estação de Recarei, de 3.^a classe, em que existe um reservatorio e um cinzeiro.

Deixada a estação, atravessa-se ainda uma outra trincheira que põe termo á região schistosa, entrando-se na do granito.

A paisagem, agreste até ali, amenisa-se então com o aspecto delectavel dos campos e com as quebradas de pequenos montes pelas quaes borbulha por vezes em espumantes cascatas o rio Sousa que se espraia docemente por todo aquelle paiz encantador.

Mais adiante o ribeiro de Lamellas, affluente do Sousa, é franqueado pela pequena ponte de pedra do mesmo titulo, de um só arco de 5 metros de abertura, e da altura maxima de 7 metros. N'esta construção, em que se dispendeu 1:545,335 réis, empregaram-se 330 metros de alvenaria, dos quaes 50 em fundações, que têm um metro de profundidade e 280 em elevação.

Atravessada a ponte e percorrida uma curva de 400 metros de raio, chega-se á estação de Cetta, de 3.^a classe.

Pouco distante d'esta estação, e do lado direito existe o antigo mosteiro de Paço de Sousa, monumento archeologico importante não só pelas recordações historicas que a elle se ligam, como pelos bellos vestigios que ainda conserva da sua architectura gothica e dos quaes se pôde considerar principalmente como um interessante exemplar, a porta principal da igreja, que felizmente tem podido escapar ás insensatas restaurações porque o templo ha passado.

E' dentro d'esta igreja que existem os tão fallados cenotaphios do tumulo de Egas Moniz, representando a jornada que o fiel aio de D. Affonso Henriques fez a Castella, e a morte do insigne varão.

Esses baixos relevos, separados, mutilados, pintados até, lá existem introduzidos na parede da igreja, emquanto o sarcophago que conservou por alguns seculos as ossadas do honrado fidalgo, se via ainda ha pouco, vazio, servindo de pia a uma pequena fonte situada no adro da igreja.

O governo, graças aos bons serviços da sociedade dos Architectos e Archeologos Portuguezes, considerou esse templo como um dos monumentos nacionaes, e assim é de esperar que n'elle se venham a fazer em breve as obras de conservação de que necessita.

Em Cetta ha também um monumento digno de visitar-se.

E' o antigo mosteiro do mesmo nome e cuja igreja serve de matriz á freguezia. Segundo a tradição foi esse convento, que era de eremitas de Santo Agostinho, fundado por dois mouros convertidos em 882. Destruído depois, foi mais tarde reedificado por D. Gonçalo Vasques, que viveu no tempo de D. Affonso VI, sogro do condé D. Henrique.

A igreja é interessante, apesar das transformações porque tem passado e merecem sobretudo a attenção do archeologo uns tumulos que n'ella existem.

Sahindo-se da estação de Cetta, a via entra em um extenso alinhamento recto, de 1:800 metros, o maior que existe em todo o caminho do Douro, encontrando-se adiante a estação de Paredes, de 2.^a classe, de onde se avista á direita sobre uma eminencia a cidade de Penafiel, ficando á esquerda o horizonte limitado por uma cadeia de montanhas entre as quaes se destacam as da Agrella e de Baltar.

A villa de Paredes encerra dois edificios importantes: os paços do concelho, mandados construir pelo corregedor do Porto, Francisco d'Almada e

Mendonça e a casa escolar, feita por meio de do-nativos em 1868.

Junto da igreja existe a casa dos Coelhos da Silva, chamados vulgarmente os *Fidalgos da Igreja*, dos quaes foi ultima descendente D. Marianna Coelho da Silva de Barboza, segunda prima do finado escriptor Teixeira de Vasconcellos.

Essa propriedade pertence hoje ao sr. conselheiro José Guilherme Pacheco.

(Continúa)

Manuel M. Rodrigues.

FRANCISCO ANTONIO ALVES D'AZEVEDO

Francisco Antonio Alves d'Azevedo, cujo retrato hoje publicamos, exemplifica na classe dos pharmaceuticos, a que dignamente pertenceu, quanto pôde elevar-se pelo vigor da iniciativa propria, pela energia de character, pela honestidade no proceder, e pelo zelo infatigavel nas lides da vida, um homem intelligente e laborioso.

O leitor lisboeta conhece decerto no lado occidental da Praça de D. Pedro uma elegante botica de duas largas portas invidadas, em cujo mostrador se ergue airoso e artisticamente esculpida uma estatua de madeira, que representa com brilhante encarnação e nos trajos caracteristicos da sua nacionalidade o celebre Avicenna.

Excita naturalmente a curiosidade de quem alli entra, o vulto formoso d'aquelle sabio arabe.

Com uma das mãos sustenta um livro onde certamente se figuram compendiados os segredos todos da arte de curar, — emquanto com a outra parece prescrever aos circumstantes quaes os processos de que devam lançar mão na execução das receitas.

Foi alli que auspiciosamente fundou a sua botica Antonio Feliciano Alves de Azevedo, pae do nosso biographado.

Foi alli que sob o influxo d'aquelle prestante varão, auxiliado depois pela collaboração de seus dois filhos, o estabelecimento logrou adquirir um logar conspicuo entre as mais acreditadas pharmacias da capital.

Francisco Antonio Alves de Azevedo, que encontrou em seu pae os exemplos mais frizantes da honradez austera e do amor ao trabalho, empenhou-se com seu irmão, o sr. José Joaquim Alves de Azevedo, em perpetuar as dignas tradições do fundador da casa.

A sua natural modestia não lhe dava azo para mostrar-se nas academias, — onde, se quizesse, poderia ter conquistado um logar pro eminente. Concentrava-se todo na administração da sua casa.

O estabelecimento pharmaceutico da Praça de D. Pedro, e a drogaria annexa da Rua do Principe, eram o constante theatro do seu ininterrupto labor.

Mas quem o consultasse nos assumptos da sua especialidade, quem fosse ouvir-lhe o voto nas especies da sua competencia, daria por bem empregado o tempo ante a copiosa licção que d'alli usufruía, ante a vasta e profunda complexidade de conhecimentos que revelava nos diversos ramos da sua arte, mórmente na historia natural e commercial das drogas medicinaes.

Nascido já quando a aurora de 1820 presagiara esperanças e risonha ao povo portuguez uma era feliz, — Francisco Antonio Alves de Azevedo, educado por seu pae nos dictames do mais sensato liberalismo, mostrou-se constantemente um campeão fervoroso e convicto das idéas democraticas.

Era portanto um patriota a par d'um trabalhador benemerito.

Quando aos 5 de Novembro de 1883 cahiu prostrado sob o golpe fulminante de uma congestão cerebral, Francisco Antonio Alves de Azevedo, — posto que entrado já na idade madura, — achava-se todavia no pleno gozo da sua actividade vital.

Succumbiu no seu posto, pranteado por amigos, respeitado pelos extranhos, exemplar a laboriosos, modelo a homens de bem.

X. C.

LENDA DO CARRASQUINHO

(Continuado do n.º 1)

— Vae-se sumindo, sumindo o grão de milho, dizia Sant'Anna pesarosa. Elle, enrugadinho, velhinho, corcovado, parecia caminhar procurando coisa perdida no chão. Ia a Roza pôr cueiros enxutos no *creanço*, sentindo as pelles repassadas, e meio

às escuras, enfaixava o marido em vez do filho. Gritava aquelle em cavernosa voz, repuxando os matacões, onde puzera a ultima vangloria.

— Guia-te por esta barba! Guia-te por esta barba, que não ha outra em Sant'Anna.

E não! Era uma lannagem molle como a dos bodes, extranha, amarella, pendente. Reparando bem, havia até nas feições d'elle, alguma coisa de herbivoro, flagrante á vista. O focinho aguçado e moavel, mascava sempre. As bosseladuras da testa, tinham tendencias cônicas.

E era typico, o ar espantadiço com que escutava os rumores dispersos do campo. Vinham a elle os rebanhos, como a um irmão d'armas. Os mesmos bodes, com o seu espirituoso donaire mephistophelico, lhe reconheciam um ar de familia. E roçavam-se-lhe amorosamente pelos ceifos, as cabrinhas *coquettes*, como quem suspira: *despossa-me*.

Quando se espalhou de repente, que apparecia o diabo em Sant'Anna.

Toda a aldeia foi tocada d'um panico! Por modos, os maiores da *Gamenha* tinham-no visto em forma de bode, com pés de gente e barba açafroada; dançando á volta d'uma cruz partida na encruzilhada da Vargem, onde annos antes, fóra assassinado o velho Roque. — Jesus nos acuda! Santa Maria nos valha! diziam as lavradoras dos montes. Os maiores diz que se benziam de pavor á vista do mafarrico, queriam rezar, não se lembravam das rezas... e abalaram direito ao monte, deixando o gado aos rafeiros.

Entremettes, ia a Clemencia para as *Côrtes*, tudo escuro, uma hora que dá. — Jesus, não sei que faça! Os barrancos mugiam de cieios. Se a besta esbarrada por esses ataqueiros de Valle de Zebro? Emfim, vamos lá, — E o filho adiante, guiava a mula. Do ceu carepava uma neblina farrusca. Nem viram branquejar o cardal. Mas n'isto, á esquerda da Rosa, já no arrabalde, sae-lhes um diabo...

E lobo? Não é lobo. A mula por mais que lhe batessem, nem para traz, nem para deante. O diabo alto, embaçado, com um gorro negro nos olhos, tudo era dar pinotes n'esses raivaes, elle a ganir, que não era dizer. Patas lhe vira a Clemencia, e diz que alguns sete rabos de zorra... E os cães uivando por esses descampados, nem que tivessem medo também! Desde então entrou o diabo a apparecer ás noites, no mesmo sitio, á mesma hora, aos que d'acaso encruzavam tres noitadas, por alli. Alguns mais destemidos de Sant'Anna, foram a vér com espingardas. Meia noite dada, elle a atravessar a deveza, mais encolhido que um ouriço, saltando aqui, cahindo além, e com um vozeirão d'encher a quebrada silenciosa. Atiram-lhe. O vozeirão retumba já longe, a terra tremê, e cada vez os cães uivam mais por essas malhadas. Alguns da aldeia, tendo visto muito diabo em figura de gente, já se não amedrontavam assim. Foram atraz d'elle, mda o viram fugir por um portello arruido. — Eh lá! Eh lá! — Uns galgaram o silvado com pulos selvagens, outros bateram as moitas com forquilhas. — Aqui te ganso, além te agarro... *Estás preso ladrão!* E assombro geral: era o Carrasquinho! Muito supplicado, o pobre declarou que a Rosa o deitava fóra todas as noites. Ia por esses campos, batendo os queixos de frio, á procura de couro onde esperasse a manhã. Buscava então os rebanhos, entrava cuidadosamente nas arribanas das granjas, nas ramadas das ovelhas, — os cães eram amigos d'elle — e alli passava a noite, aquecido na lá das rezas. Por um momento, Sant'Anna respirou. Porém agora os destemidos é que desconfiavam.

— Vocês já repararam, como elle se parece tanto com um bode? Os olhos, o focinho, a voz balada e profunda, e aquelle ar de maganice nos solavancos da cabeça?...

— A barba d'elle, rapazes, é como o pello dos chibatos. E vejam vocês como elle salta, como abala fóra de horas, sem temer d'almas penadas...

— Já se viu n'outra terra, homem d'aquelle tamanho?

Então começaram as lendas, as annotações á vida do desgraçado, os episodios ditos á luz fulva do medo.

— Porque elle vae aos sabbados a Monte-Oito, sentar-se na penha lá riba, e dá o rabo a beijar ás feiteiras!

— Porque elle em quinta feira santa, desenterra os que morreram em peccado mortal, para fazer um oleo, que transforma a creatura em lobishomem!

— Porque fulana já o viu montado n'uma coruja, enfiar pela torre da igreja, e ir apagar a lampada do sanctuario, afim de lhe beber o azeite...

— Porque sabe tudo o que a gente perde.

— Ouve tudo que a gente diz.

— Adevinha quem morre.

— Faz vir trovões.

— Espeta alfinetes nos sapos, quando quer fazer mal aos meninos de mama.
 — Então mata-se!
 — Já o mataram trinta e sete vezes, e restitue, para perseguir depois quem quiz acabar com elle.
 — Põe-se-lhe uma cruz a ferro em brazo!
 — Não, que se abre a terra, mal o diabo a sintal
 — Diz que não pôde vêr dinheiro.
 — Nem passar aos cruzeiros das ermidas
 — E que dança, em alguma cruz se partindo.
 — E' chamar o prior!
 — E' queimal-o n'uma roça em ala.
 — Atirar com elle a uma vaccada brava.
 — Cozel-o em agua benta.
 — Visto isso e os autos, resumia a gentilha, é o diabo!

Uma manhã, iam os ganhões para o trabalho, viram por uma brecha que o inverno lascara no muro do cemiterio, uns poucos de cães nos covaes. Entraram.

Os malditos tinham desenterrado o corpo do Gemito, e estavam-n'o comendo de sucia.

Então Sant'Anna disse: aqui anda o Carrasquinho!

* *

Começa Julho, começam as calmas, começam as ceifas. Como o sol é terrível das onze ás quatro da tarde, para ganhar tempo, o remedio é ceifar nas noites de lua, e dormir d'uma sesta as horas de calor. Se porém não faz luar, começa-se a ceifa de manhãzinha, mal sóbe a cotovia para se artoar matinas no ceu, quando já estonteam os ultimos vãos dos moregos e dos mochos, á volta dos cazebres abandonados. Aos domingos, a aldeia ouve missa muito cedo, inda estrelado, e uma buzina chama os segadores á partida para o trabalho.

Certa madrugada de Domingo, á hora de tocar o sino, lusco-fusco, a Rosa que se fizera ceifeira, veste os saíotes á pressa, põe a sua capa de panno, agarra no pequeno, e toca para a igreja, a ouvir missa antes do trabalho.

Pareceu-lhe o rapaz menos pezado essa manhã, mas inda fazia noite, ella estava com pressa, e foi andando. Igreja cheia; ao fundo as seis velas bruxuleando aos ventos d'alva; e na sombra das capellas, as imagens pareciam ameaçar os fieis, com os seus braços de madeira carunchenta. Ainda não chiavam pardaes nas cimbalhas da frontaria.

Entravam a cada momento, sapateando, os grossos camponezes de foíce á cinta, arregaçados, com olhos de dormir. E o padre com uma alva rota, a yóz surda, lá ia celebrando o sacrificio. Quando por baixo do capote da Rosa, entrou o rapaz a bulir. Puchava-lhe as roupinhas de manso, deitava os bracinhos de fora, esperneava com certa insistencia, para recommear d'alli a pouco. Diabo do rapaz! Dois açoutes, a vêr se te accomodas! — dizia a Rosa já com vinagre nas ventas: e dizendo-o bem, inda o fazia melhor. Porém a creança não tinha emenda, assoprava como gato em sacco de gallego, em termos da Rosa saccar a mama, de resolvida a enfiar o bico de leite pela bocarra do traquinas. E o traquinas, lá vae dentada na mãe!

— O que? Bocca de quatro mezes, ornada com dentinhos assim? Ai, o grande mariola! Espera! — e exasperada, a mulher levanta o capote. As visinhas, indo a affagar o infante, sentiram-lhe a pelugem cebosa das canellas. Diabo de precocidade! E proseguindo manso no exame, recapitularam a paragrapho tantos, sem mais delongas, que o mostrenço, ou era o diabo, ou o marido. Era o marido! Porém o marido era o diabo. Imagine-se aqui o tumulto.

Toda a bacoragem das moças rompeu a calada do templo com faniquitos de panico. As velhas atropellavam-se caminho da agua benta, havendo tal que pretendia immergir no catholico licór, as anatomias menos propensas á invasão diabolico-morbifica. Em começo, não se sabia o que era; todos fallavam ao mesmo tempo na sombra da igreja, confundindo perguntas e respostas; mas vae que a coisa correu, estar homem nu por baixo da capa d'uma fregueza, e surdas coleras logo, sobrexcitações fanaticas, foram avassallando a canalha.

Hein? Pois o amigo demonio, simples regulo desobediente ás leis imperiaes do Todo Poderoso, reles D. Carlos guerrilhando nas montanhas do mal, ouzava vir aos paços de Deus, disfarçado por baixo do capote d'uma mulher adúltera? Eh, rapazes de Sant'Anna!

— Vocês não olham para tamanha astucia! E uma gralhada de beatas e alcoviteiras interrompia já o serviço divino! Algumas das bruxas estatelavam-se no sopé dos altares, osculando as taboas immundas, e ganhando por misericordia. Uma ossea e trombuda, de nariz truffado, que subira a abra-

çar os rins d'um S. Francisco de pedra, veiu despenhada ao chão mais o S. Francisco, que teve por bem esmagar-lhe as cacholas com uma das benditas manopolas, esculpturada em attitude de abençoar. Os camponezes viram então milagre no crime do santo, e de foices erguidas, correram á Rosa, que largou de si o marido nu, trazido da cama por engano, em vez do filho. Então é que foi berreiro e chinfrinado! O desalinho do demo punha curiosidades picantes nas femeas.

Aqui e além, os incredulos riam, batendo nalgadas no estranho fantochino, tio singularmente lanigero, que tiritava de terror, sem saber como occultar a sua vergonhosa nudez. Porém os furiosos tinham-se apoderado d'elle, em brados descommunes, delirando por affogal-o na pia baptismal. Em balde o padre queria chamal-os a socego, persuadi-os que a coisa nao passava d'uma peça de entrudo. Já os olhos se acendiam de faulhas simistras, e os gritos de — mata! mata! — entravam a circular.

— É o diabo! declaravam todos. Nós o vimos fora de horas, este mesmo, aos pulos por esses raivaes!

— Então damos cabo d'elle!

A Rosa em soluços agarrava-se ás pernas dos algozes, pedindo graça, e elles com palavras obscenas, iam-na atirando para o lado. Um cabreiro das Torres, o Palhaço, modelo espadado de barbaro, estúpido, negro, catadura de colosso egypcio, e olhos convergentes sobre o nariz cahido como um monco, agarrou no grão de milho por um braço, erguendo-o do chão, pôl-o ás cavallitas nos hombros; e cercado dos mais, foi correndo para a pia do baptismo. Porém, antes de lá chegar, viu a porta da torre escancarada, e os primeiros degraus da escada, carcomida entre esfumaçadas lugubres. A mesma ideia sobreveio ás cabeças, n'aquella hora — e o Palhaço entiu pelo esguio portello ogival, corcovando o enorme dorso nas circumvoluções do caracol d'alvenaria, que levava lá cima, aos varandins dos sinos — enquanto a turba dos rebeldes ficava á espera no adro. Dentro em pouco appareceram, carrasco e victima, e todos viram o Palhaço segurando pelas canellas um corpiño secco que se debatia com berros de terror, dando nos ares a *silhouette* d'um coelho estiolado. Já áquello tempo os animos se apiedavam, cahindo em si, de vêr como a força ia a produzir desmantelos tragicos. Muitos de gasnete erguido, pediam que fosse solto o pobre diabo. Porém o Palhaço estava bebido, nada ouvia, uma seiva feroz ascendia por elle. E n'uma alegria terrível, a sua grenha revolvia-se á briza da manhã. Ouviram-no por instantes praguejar copia de improperios, estendeu os braços n'um largo impulso de mola abandonada a si mesma, abriu as mãos de repente... Manhã clara! Uma flexa de sol zimbrou n'esse instante a madreperola dos ceus sem macula, indo bater na calça de Monte-Oito. — E desferido com rija valentia, o corpo do Carrasquinho veio amachucar-se em baixo, cavamente, nas velhas lages sepulchraes do adro.

Fialho d'Almeida.

RESENHA NOTICIOSA

CARDEAL MEZZOPANTI. Todo o mundo conhece tradicionalmente o nome d'este homem notavel, fallecido ha já annos, e que fallava e conhecia uma quantidade de idiomas prodigiosa, como parece ainda ninguem mais chegou a conhecer; jaz este celebre linguista na igreja de Santo Onofre, onde uma simples lapide assignala o logar em que repousa. Ultimamente, porém, constituiu-se uma commissão em Roma e Bolonha para promover uma subscrição afim de se levantar um monumento á sua memoria na referida igreja; esta commissão é composta dos commendadores G. Ciccolini, G. Sterbini, Tolti e do professor Vincenzo Mignani.

PREPARATIVOS DE GUERRA. O governo hespanhol faz actualmente grandes encomendas de material de artilheria em todos os paizes. Na propria officina franceza de Saint-Vaast (Pas-de-Calais) comprou uma machina para enfiar projecteis.

FERTILIDADE DO BRAZIL. Segundo o que publica o periodico official do Brazil, os differentes generos, dão geralmente n'este paiz a seguinte produção: o trigo e o centeio 60 por 1 semente; o milho 150; o feijão 80; o arroz 1,000. O hectare de terra produz até 2,000 kilogrammas de café, 200,000 de canna de assucar, 10,000 de mandioca e 2,500 de algodão. Vê-se que é um paiz privilegiado, ou que está ainda quasi virgem.

PLANO INCLINADO. Como se sabe, em virtude da lei de 22 de julho de 1882, o governo concedeu sobre a margem esquerda do Tejo, no Portinho

da Arrabida, em frente de Lisboa, um terreno de 12:500 metros quadrados, com facultade de expropriação para uma superficie *ad-libitum*, para o fim de se construirem planos inclinados que possam servir de estalleiro para a construção, reparação e querenagem dos navios. O concessionario organisa presentemente uma sociedade do capital de 1:000 contos de réis, cuja primeira serie de emissões é de 720 contos em 16:000 acções de 45:000 réis. A concessão é feita por 99 annos, mas no fim d'este lapso de tempo, a empresa poderá conservar os seus estaleiros, pagando ao Estado um premio de 5 por cento dos seus lucros. O orçamento da despeza para tres carreiras eleva-se a 390,200:000 réis. O producto bruto é avaliado em 281,745:000 réis, e os gastos, comprehendido o fundo de reserva, em 92,000:000 réis, de maneira que resultaria um lucro certo de réis 189,738:000, ou 25 por cento. Com quanto a um importante periodico estrangeiro, pareçam estes algarismos dignos de alguma reserva, comtudo elle faz a justiça de confessar que é uma empresa séria e utilissima não só para o paiz, mas para a marinha de todos os paizes, e de fazer votos por que a empresa seja bem succedida, o que lhe parece certo, se os capitaes acudirem, como é de crer. Para provar a importancia da empresa e as boas esperanças que ella offerece aos que n'ella entrarem, mostra que desde Bordeus até Cadix, onde está estabelecida a bacia de querenagem da *Companhia Transatlantica*, não ha nenhum estabelecimento maritimo, onde um navio possa, sequer, limpar o fundo. Não é tanto assim; no nosso porto, alem da doka fluctuante, e do dique do Arsenal, ainda se fazem outras obras importantes em navios de alto bordo, mas os planos inclinados são indispensabilissimos, é uma vergonha não os haver n'um porto da ordem e importancia do de Lisboa, e contamos com a prompta resolução d'este assumpto, que com o estabelecimento de dokas e a transferencia dos estabelecimentos maritimos do Estado para o outro lado do Tejo, devem regenerar o nosso porto, fazer desinvolver o commercio e melhorar a navegação.

BIANCA DONADIO. Mau fado persegue esta gentil e primorosa prima-dona, que pela terceira vez devia vir deliciar os portuguezes, estando contratada para brevemente cantar no theatro de S. Carlos, onde já colheu tão brilhantes louros. Escapada milagrosamente do incendio do theatro de Nice, d'onde fugiu meia vestida, aterrada e quasi sem falla, succede-lhe agora novo desastre no theatro Constanzi em Roma. Cantava-se a *Dinorah* e no 2.º acto, quando Bianca Donadio tinha que passar debaixo da ponte, esta desabou, ficando a formosa cantora muito ferida, nomeadamente na cabeça e com um pé deslocado. Esperamos que em breve se restabeleça, e que o inesperado desastre nos não prive do prazer de a ouvir na presente época.

ISABEL A CATHOLICA. Inaugurou-se em Hespanha, durante a estada alli do principe imperial da Prussia, a estatua de Isabel a Catholica: é uma divida que a Hespanha já devia ter pago ha muito tempo. Notou-se que reservando-se esta cerimonia para a occasião da visita do principe prussiano, houvesse o esquecimento de convidar o duque de Villa-Hermosa, descendente de Fernando o Catholico, marido d'aquella princeza e que tão larga parte tomou nas suas empresas.

CARTAS EM RELEVO. Segundo soubemos o sr. Mendonça Cortez acaba de inventar um novo processo para a representação das cartas geographicas em relevo, sem os inconvenientes dos processos até hoje seguidos. Estimaremos muito vêr propagado o invento, e que elle tenha as vantagens que se lhe asseguram.

PUBLICAÇÕES

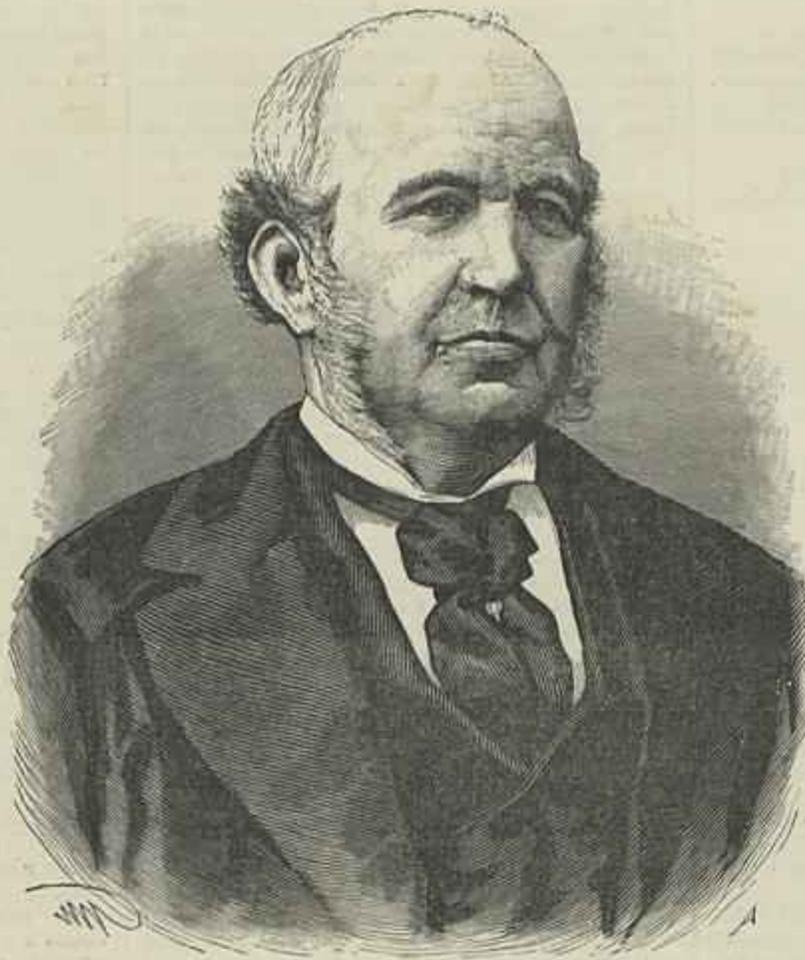
Recebemos e agradecemos:

REVISTA DE ESTUDOS LIVRES, directores litterario-scientificos; em Portugal: Dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; **no Brazil:** Drs. Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero... *Lisboa, Nova Livraria Internacional, 96, Rua do Arsenal, 1883.* Primeiro anno, n.º 10, novembro de 1883. Compreheende este fasciculo: *Elementos da nacionalidade portugueza (A invasão germanica e a unidade da monarchia visigoda)*, por Theophilo Braga; *A campanha contra as descobertas portuguezas*, por Luciano Cordeiro; *A nora* (conto) por J. Augusto Vieira; *Tradições populares e dialecto do Brazil*, (conclusão) por J. Leite de Vasconcellos; *Bibliographia: La question du Congo devant l'Institut de Droit international*, de Gustave Moynier, por Carlos de Mello; *Historia da Botanica em Portugal*, de Anthero de Brito, por

Teixeira Bastos; *da poesia scientifica*, (*Escoço de um livro futuro*), de Izidoro Martins Junior, por Teixeira Bastos.

ARCHIVO DOS AÇORES, publicação periodica destinada a vulgarização dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana. . . 1883. Ponta Delgada—Ilha de S. Miguel, typ. do Archivo dos Açores.—N.º xxv e xxvi, primeiro e segundo do volume V.—Começa este volume por uma secção intitulada: *Restauração de 1640 nos Açores*, que abre logo por uma *Relação*, inedita e contemporanea, da guerra d'esta cidade de Angra com a fortaleza de S. Filippe do Monte Brazil e descripção da dita fortaleza e que *cousa seja*, constante de vinte e seis capitulos, impressos em 37 paginas, á qual se segue uma collecção de documentos relativos ao mesmo assumpto, o qual se continúa no fasciculo xxvi. Ainda n'este fasciculo xxvi ha outra serie de documentos relativos á Ilha de S. Miguel, e no seguinte uma serie de outros concernentes aos Açores dos quaes o primeiro é de 1444 e o ultimo de 1572, e enceta-se uma noticia sobre o *Tribunal da Relação dos Açores*. Uma nota impressa diz que os fasciculos 23 e 24, contendo uma *Memoria sobre os Corte-Reaes*, serão distribuidos logo que se recebam alguns documentos relativos ao mesmo assumpto; sabemos por via segura que já estão impressos os dois fasciculos referidos, com que se completa o IV volume, d'esta já importante publicação, e que se estão a imprimir os respectivos indices. Já nos temos referido por vezes ao grande serviço que o sr. Ernesto do Canto, proprietario e director do *Archivo*, tem prestado á historia com este trabalho, e folgamos de ver que a elle recorrem e d'elle se soccorrem todos os que hoje escrevem sobre a historia dos nossos descobrimentos e ainda de outros periodos da nossa vida nacional: isto deve indemnizar o editor do pouco favor, que por ventura a sabida indolencia do paiz tenha dispensado ao seu nobre commettimento. Vemos na obra de Henrique Harrisse—*Les Corte-Real*—que o *Archivo dos Açores*, lhe foram de grande auxilio.

A GEOGRAPHIA DOS LUZIADAS, de Luiz de Camões, por A. C. Borges de Figueiredo. . . Lisboa, typographia de Adolpho, Modesto & C.ª, calçada do Tijolo, 39, 1883.—Folheto de 8.º de 61 pag. e mais uma de indice. Pertence este opusculo ao grupo de obras, a que deu nascimento a celebração do terceiro centenario de Camões, e que só agora foi publicado. Em phrase concisa resume o auctor em cinco capitulos o seu pensamento na elaboração d'este trabalho. Trata no 1.º do *horizonte geographico no tempo de Camões*, no 2.º do *systema cosmographico empregado por Camões*, no 3.º da *geographia politica e physico-historica dos Luziadas*, no 4.º de *como o Camões tratou a geographia ethnographica e economica* e no 5.º do *itinerario de Vasco da Gama*. Do 1.º parágrafo deprehender-se-hia que não havia da viagem de Vasco da Gama, senão o *Roteiro* publicado por Kopke, e a relação publicada pelo Ramuzio pois



FRANCISCO ANTONIO ALVES D'AZEVEDO, FALLECIDO EM 5 DE NOVEMBRO DE 1883

(Segundo uma photographia)

só d'essas é que o auctor falla; naturalmente as duas que Camões não conheceu. Castanheda que segue o roteiro dia por dia, e Barros que paraphrasia Castanheda foram as verdadeiras fontes da descripção de Camões, e a propria viagem d'elle, e ainda que se perdessem aquelles restavam estes, e Goes e Osorio e tantos outros que os seguiram ou resumiram. Depois d'isto segue-se um indice dos *Nomes geographicos dos Luziadas*, diz o auctor em nota que se não incluíram na lista os diferentes nomes patronimicos e outros porque o Camões designa alguns povos, o que nos parece teria sido conveniente, com relação a alguns, por que ha d'estes que embarçam os leitores, ainda os medianamente instruidos, que são a maioria d'elles. Parece que o auctor tomou o adjectivo *rapto*, participio irregular ou contrahido do verbo arrebatat, pelo nome proprio do rio *Obi* ou *Doara*, o que nos admira, porque é claro na descripção de Camões e é conhecido não só pelos poetas Barreto, Sá de Menezes e outros, mas tambem pelos prosadores Fr. Marcos de Lisboa e Fr. Luiz de Sousa. Salvo este pequeno equívoco é digna de figurar esta obrinha na grande camoneana, principalmente como esplanção do mappa que a acompanha, que nos dizem ser um trabalho perfeito, mas que ainda não podemos vér.

ANNAES DO CLUB MILITAR NAVAL. Redacção João Carlos Adrião, João Maria Galhardo, Julio Diniz de Sampaio — n.º 10 de 1883. Compreheende este fasciculo: *Algumas considerações tendentes a faci-*

com regularidade a publicação d'esta interessante obra que de muito auxilio deve servir para o conhecimento da organização municipal do paiz, e da importancia e valor que durante seculos tiveram as corporações municipaes, nomeadamente a de Lisboa. Entre os extractos dos documentos que o fasciculo 19, o ultimo que recebemos, encerra, não é o menos curioso o *Breve* de Urbano VI de 2 de novembro de 1385 absolvendo os cidadãos de Lisboa João da Veiga, Silvestre Esteves, e Estevão Afonso, que por occasião da excitação patriótica de 6 de dezembro de 1383 haviam precipitado das torres da Sé o bispo D. Martinho e o prior de Santa Maria de Guimarães Gonçalo Vaz, havidos por schismaticos.

COUVIER é o primeiro livrinho de uma collecção que, sob o titulo geral de *Biographias de Homens Cebres dos Tempos Antigos e Modernos*, vae publicar o incansavel editor David Corazzi. Estes livrinhos são illustrados e muito nitidos de impressão. A sua leitura é das mais uteis e agradaveis porque instrue sem fadiga, finalmente é uma bella porpaganda em favor da instrução pelo modico preço de 50 réis cada livrinho.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DO

OCCIDENTE

Já estão promptas e á venda capas para encadernação do 6.º volume a concluir.

Tambem ha capas para os volumes 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

Preço, 800 réis (franco de porte)

A Empresa encarrega-se de fazer encadernações n'estas capas por 1200 réis, incluindo a capa.

PREÇO DA ASSIGNATURA D'ESTE PERIODICO

PARA 1884

MOEDA FORTE, FRANCO DE PORTE:

CONTINENTE DE PORTUGAL E ILHAS

Anno ou 36 numeros	32800
Semestre ou 18 numeros	17900
Trimestre ou 9 numeros	7950

POSSESSÕES ULTRAMARINAS

Anno ou 36 numeros	42000
Semestre ou 18 numeros	22000

ESTRANGEIRO, UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 36 numeros	52000
Semestre ou 18 numeros	27500

PREÇO DOS VOLUMES

1.º, 2.º e 3.º VOLUMES

Cada um encadernado	42000
" " brochado	32000

4.º, 5.º e 6.º VOLUMES

Cada um encadernado	52000
" " brochado	42000

Para o estrangeiro, pelo correio, accresce 1\$000 réis por cada volume

As pessoas que quizerem adquirir a collecção completa do OCCIDENTE o poderão fazer do modo que mais lhe convier, ou seja por volumes ou por series de numeros seguidos pelos seguintes preços: Series de 12 numeros relativos aos 1.º, 2.º e 3.º volumes 12500 réis. Series de 6 numeros 750 réis. Series de 18 numeros relativos aos 4.º, 5.º e 6.º volumes 22000 réis. Series de 9 numeros 12000 rs.